

Davi Kopenawa e Bruce Albert. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 230 p.

Enquanto essa resenha é escrita, o Brasil está vivendo na pele as mudanças climáticas de Norte a Sul. Somos testemunhas oculares do desastre ambiental que se traduz em extremo calor e queimadas na floresta amazônica, desaparecimento de animais e rios, e do outro lado do país, ciclones, chuvas intermináveis e enchentes. O solo está rachando na serra gaúcha e casas, prédios e bairros inteiros desaparecendo do mapa no Vale do Taquari.

Depois de oito anos da publicação de *A Queda do Céu*, Palavras de um xamã yanomami (2015), Davi Kopenawa e Bruce Albert refazem a parceria literária em *O Espírito da Floresta* (2023), onde o xamã narrador e o antropólogo francês reúnem textos escritos para as várias exposições de desenhos, fotografias, vídeos e sons do povo yanomami realizadas em Paris pela Fundação Cartier, reverberando pelo mundo o alerta ecológico de preservação da natureza.

A Fundação Cartier para a Arte Contemporânea contribuiu, entre 2002 e 2021, com seu apoio midiático e financeiro para a defesa do território e das tradições yanomami, numa parceria com organizações não governamentais no Brasil, tais como a Comissão Pró-Yanomami (Boa Vista), o Instituto Socioambiental (São Paulo) e a Hutukara Associação Yanomami (Boa Vista). Em 2020, a Cartier Philantropy também financiou um importante projeto de assistência médica destinada às comunidades yanomami afetadas pela pandemia de covid-19.

No início de 2023, o Brasil ficou horrorizado com a descoberta das violências infligidas ao povo yanomami nos últimos quatro anos. Adultos e crianças desnutridos, com doenças contagiosas e a terra indígena yanomami assolada pelo garimpo irrestrito, que abriu crateras na paisagem da floresta e contaminou a água dos rios com os seus minérios. Um nítido neocolonialismo.

Nós brasileiros, definitivamente, não escutamos as profecias de Davi em *A Queda do Céu*, considerado um dos livros mais importantes do século XXI, “saudado como um *opus magnum* destinado a entrar no panteão dos grandes textos da antropologia e capaz de brilhar com uma intensidade talvez só comparável à do segundo volume da coleção, *Tristes Trópicos* de Claude Lévi-Strauss”, palavras de Emanuele Coccia no prefácio de *O Espírito da Floresta*.

O líder político Davi Kopenawa Yanomami se tornou um escritor ao publicar *A Queda do Céu*, referência de outros escritores, artistas e filósofos indígenas, sempre citado como livro fundamental do pensamento indígena brasileiro. Foi escolhido em 2022, como um dos “200 livros importantes para entender o Brasil”, segundo intelectuais da língua portuguesa.

Para quem ainda não fez a leitura de *A Queda do Céu*, em *O Espírito da Floresta* encontramos diversas citações desse texto transcrito por Bruce Albert, etnógrafo que convive há quase 50 anos com Davi. Bruce foi escolhido pelo xamã a organizar as suas palavras, a partir das gravações de horas de falas em que Davi foi entrevistado e que desejou publicar em “peles de palavras”, definição de “livro” para os yanomamis. Em *O Espírito da Floresta*, também vamos ver as “peles de imagens”, definição de fotografia para nossos irmãos indígenas que veem o papel como pele das árvores-mortas.

A Literatura Indígena não irrompe somente com autorias inéditas em nosso cânone, mas também transborda e amplia os conceitos do que seria literatura. A Arte Indígena Contemporânea é um dos lugares onde as linguagens visuais dialogam com as narrativas literárias, ferramentas de luta adotada pelos artistas e escritores indígenas e que está, na maioria das vezes, atrelada a um engajamento político dos povos nos processos de retomada de territórios. Bruce Albert participou diretamente da retomada da Terra Indígena Yanomami, em 1992, a qual visita anualmente há mais de 40 anos.

O escritor Davi Kopenawa também é ator do filme documentário brasileiro *Última Floresta* (2021), do cineasta Luiz Bolognesi, com roteiro de Bolognesi e Kopenawa. O filme é baseado no livro *A Queda do Céu* e recebeu os prêmios de Melhor Filme nos Festivais de Seul e Berlim em 2021. Kopenawa é o narrador que, através das falas, reconstrói as vivências, tradições e lutas de seu povo, e é também ator, encenando, com outros yanomamis, os mitos e rituais xamânicos dentro da floresta amazônica, com toda sua exuberância e com toda a beleza dos homens, mulheres, crianças e anciões

yanomamis. Portanto, Davi lança mão da literatura, do audiovisual, do desenho, da fotografia e da música para tentar expressar a urgência de preservação da floresta, dos indígenas e consequentemente da vida humana sobre a terra.

No prólogo de *O Espírito da Floresta*, Bruce Alber apresenta a nova publicação:

A presente coletânea é o produto de um ciclo de aventuras intelectuais e estéticas cruzadas, concebidas e vividas sob a égide da Fundação Cartier para a Arte Contemporânea entre, de um lado, um grupo de xamãs e artistas do povo yanomami e, de outro, um conjunto de artistas e cientistas não indígenas de diversos países.

Esse “Ciclo yanomami” teve sua origem em conversas mantidas na casa coletiva de Watoriki em dezembro de 2020, entre Hervé Chandès, diretor geral da Fundação Cartier, e os autores deste livro: Bruce Albert, antropólogo, e o xamã Davi Kopenawa, cercado pelos seus e por todo um areópago de líderes de comunidades aliadas.

Desdobrou-se então, entre Watoriki e a Fundação Cartier em Paris, de uma exposição a outra, um arquipélago de sonhos e meditações sobre a floresta (...)

Assim no correr dos anos, teceu-se uma vasta trama de reflexões, diálogos e obras que, a partir do saber xamânico dos habitantes de Watoriki, evoca, sob diversas perspectivas, as imagens e os sons da floresta, a complexidade de sua biodiversidade e as implicações trágicas de sua destruição. Os textos que se seguem pretendem apenas restituir uma versão da memória, da sensibilidade e da intensidade dessas trocas sobre o “espírito da floresta”. (p. 25, 26)

Memória é uma das características da Literatura Indígena. No livro de Kopenawa trata-se de preservar a memória dos antepassados, dos ancestrais indígenas que narravam uma primeira “queda do céu” na mitologia yanomami. Os xamãs cantam e dançam para manter o céu suspenso, mas a presença do homem branco na paisagem da floresta só trouxe “epidemias de fumaça” do “povo da mercadoria”. Por isso, Davi profetiza junto com outros xamãs, a segunda “queda do céu”, fato que literalmente estamos vendo hoje: o céu caindo sobre nossas cabeças.

O livro está dividido em 16 capítulos, alternados ora pela narrativa poética de Davi Kopenawa, ora pelo relato científico de Bruce Albert. Permeado de fotografias (com destaque para Claudia Andujar, primeira antropóloga a conviver na floresta com os yanomami) e desenhos do próprio Davi Kopenawa, Joseca e Taniki (artistas yanomami), a edição contém anexos com fatos históricos, sociais e geográficos dos yanomami, assim como um extenso número de notas de relevância para maior entendimento da cultura da floresta.

No capítulo 1, “Uhiri a” (terra-floresta), Davi explica que é assim que o povo yanomami chama a “natureza” e também é a imagem vista pelos xamãs, “Urihinari a”. “É porque essa imagem existe que as árvores estão vivas. O que chamamos “Uhirinari a” é o espírito da floresta.

Os brancos pensam que a floresta está colocada sem razão sobre o chão, como morta. Não é verdade. Ela só parece silenciosa porque os xapiri pë [seres imagens dos antepassados primordiais

antes da sua transformação animal] mantêm afastados os seres maléficos e seguram a raiva da tempestade que derruba suas árvores. A floresta não está morta, do contrário as árvores não teriam folhas. E tampouco se veria água ali. As árvores da floresta são belas porque estão vivas. Elas têm uma só vida. É assim. Nossa floresta está viva e, se os brancos nos fizerem desaparecer e a desmatarem inteiramente, eles ficarão pobres e acabarão por sofrer fome e sede. (...)

Não, a floresta não está morta, como pensam os brancos. Mas, se a destruírem, aí, sim, ela vai morrer. Seu sopro vital vai fugir para longe. A terra vai ficar seca e quebradiça. As águas vão desaparecer. As árvores vão ressecar. As pedras das montanhas vão esquentar e rachar. Ao contrário, quando o sopro vital do espírito da floresta continua presente, ela continua bonita, a chuva cai e o vento sopra. Esse espírito vive com os xapiri pë. Foram criados juntos. É assim. A floresta não é bela sem motivo. É, porém, o que os brancos parecem pensar. Eles se enganam. (p. 31, 32)

Palavras simples e verdadeiras é o que Kopenawa compartilha com os leitores. No entanto, a maioria da país está surda ao espírito da floresta e às palavras de seu xamã. É aqui que está a importância da escrita etnográfica pós-colonial de Bruce Albert, o antropólogo francês. Ele iniciou seu trabalho junto aos yanomami há quase 50 anos atrás e dedica toda sua vida pela luta indígena, no que podemos chamar de antropologia reversa.

No capítulo 2, “Um mundo cujo nome é floresta”, Bruce relata quando conheceu Claudia Andujar, fotógrafa emblemática dos yanomami e que juntos criaram a Comissão Pró-Yanomami. “Esse texto é, assim, antes de tudo uma homenagem a “Napëyoma”, guerreira incansável e visionária fora do comum com quem tive o privilégio de compartilhar esta aventura. Nele evocarei a imaginação metafísica, a invenção social e a ironia poética dos Yanomami” (p. 38).

Essa resiliência rebelde da “terra-floresta-mundo” yanomami sob o espaço geográfico da burocracia estatal tem, a meu ver, a riqueza de um ensinamento crucial: o da possibilidade de sonhar uma terra “Leve”, tal como a evocada por Nietzsche, tecida por multiplicidades móveis em que, como escreveu John Rajchman, “tornamo-nos nativos” (...) somente quando sabemos “trocar de lugar”. Uma terra lábil da qual só se pode, de certo modo, tirar uma identidade ao tê-la deixado. Talvez seja, no fundo, essa alternativa luminosa ao peso mortífero do Heimatboden e da identidade heideggeriana, que tanto cativou e aproximou Claudia Andujar e o autor destas linhas, vindos de horizontes tão diferentes, mas igualmente longínquos (da Hungria e do Marrocos) para encontrar há mais de quatro décadas um “ser no mundo” no exílio e no alhures, no Brasil, graças a um improvável, mas infrangível sentimento de afinidade e de solidariedade com o povo yanomami. (p. 53)

Davi Kopenawa faz uma diferenciação entre “Gente de perto, gente de longe” para os leitores compreenderem a presença dos estrangeiros como parceiros de luta: explica que os “brancos de longe” viveram entre eles e ouviram suas palavras, viram-nos com seus próprios olhos e comeram suas comidas. Agora, segundo ele, o pensamento deles é direito e eles estão ao lado dos yanomami. Na volta para a Europa,

falarão dos indígenas para as pessoas de suas terras e mostrarão as imagens dos yanomamis na exposição e farão ouvir também as vozes gravadas em áudios e vídeos.

Bruce Albert complementa que o objetivo da exposição era ver e escutar a floresta, “articular o confronto com a perspectiva de uma alteridade radical a fim de desestabilizar os quadros de nossa visão e desenraizar os registros de nossa sensibilidade. Um projeto de confrontação de olhares e escutas concebido com os xamãs da Montanha do Vento e em especial com Davi Kopenawa” (p.65).

Alguns trechos do livro estão escritos na língua yanomami e sempre que algumas palavras em yanomami são empregadas, nos é apresentado o seu significado. O leitor é convidado a fazer essa imersão que o antropólogo fez, assim como somos levados a sentir, nas descrições detalhadas de Davi, os rituais xamânicos com a presença das entidades pelo auxílio dos desenhos e fotos. Se, no encontro do indígena com o antropólogo, ambas identidades se moveram, pois houve trocas, nós leitores, também devemos nos deixar atravessar por essas leituras.

A episteme do pensamento indígena é uma das várias contribuições do povo yanomami através da pessoa de Davi Kopenawa. Ele é Membro da Academia Brasileira de Ciências e num dos capítulos do livro Bruce relata a participação de matemáticos franceses em uma das exposições. Aproximando a ciência da ecologia, aprendemos que a Era do Antropoceno (era geológica que estamos vivendo) está acabando com a biodiversidade do planeta. E o que nossos irmãos da floresta nos ensinam? Que o espírito da floresta é formado pela presença dos humanos e dos não humanos, como as árvores, os rios, os animais, os insetos, o vento, o sol, a lua, as estrelas. Eles têm direitos, sensibilidades, aptidões comunicacionais e voz. Vamos escutá-los!

Ana dos Santos

Doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

e-mail: ana.flordolacio@gmail.com